

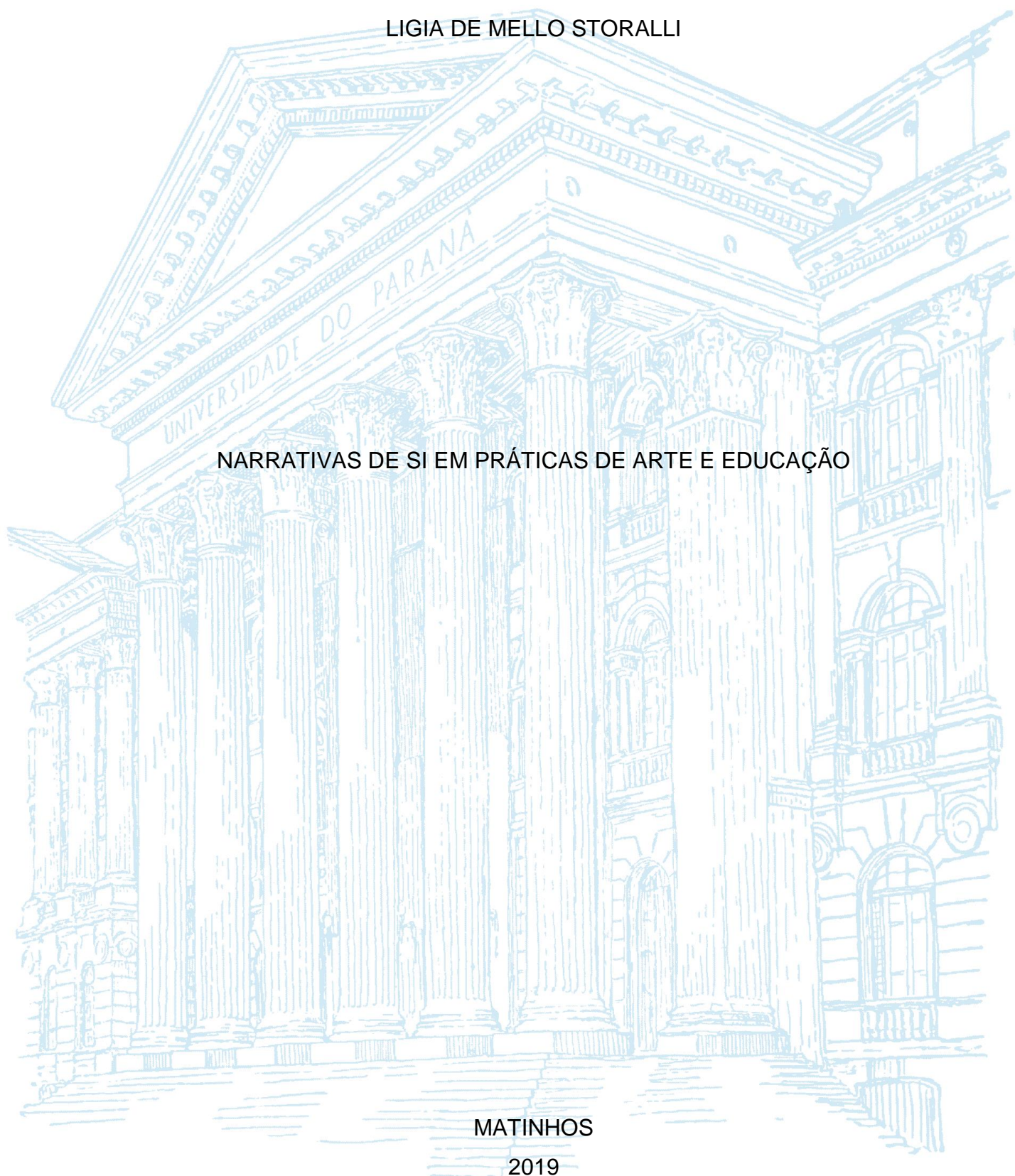
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LIGIA DE MELLO STORALLI

NARRATIVAS DE SI EM PRÁTICAS DE ARTE E EDUCAÇÃO

MATINHOS

2019



LIGIA DE MELLO STORALLI

NARRATIVAS DE SI EM PRÁTICAS DE ARTE E EDUCAÇÃO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em licenciatura em artes, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Giselly Brasil

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

LIGIA DE MELLO STORALLI

SOBRE SI E SOBRE OUTRAS: NARRATIVAS DE SI COMO DISPARADOR DE PRÁTICAS DE ARTE E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em licenciatura em artes, Setor litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em artes;

Profa. Dra. Giselly Brasil

Orientadora – Câmara de curso de Licenciatura em Artes- Setor Litoral
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

Orientadora – Câmara de curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral,
Universidade Federal do Paraná.

Profa. Me. Annaline Curado Piccolo

Centro de Formação em Artes
Universidade Federal do Sul da Bahia

Matinhos, 26 de novembro de 2019.

Dedico este trabalho à minha mãe, Regina Célia, à mãe dela, Maria da Penha, que também foi como mãe para mim, à todas minhas ancestrais e todas que estão por vir. Caminhamos juntas, eu sei.

AGRADECIMENTOS

À vida pela grande compreensão de que o tempo passado, presente e futuro moram em mim, assim como toda minha ancestralidade.

À minha mãe pela sua fé que sempre me guardou e protegeu, e pela abertura para conversas tão profundas e transformadoras que nos curam constantemente.

Ao meu pai, pela música, pela poesia, pelo olhar sensível ao mundo, e por sempre apoiar meus caminhos sinuosos das mais diversas formas.

À todas que acompanharam e muito somaram ao meu processo de escrita e dos encontros: Mica, Mari, Bá, Andressa, Amandinha, e especialmente ao Will, pelo companheirismo, pelas músicas, risadas, comidinhas deliciosas, massagens e por acreditar tanto em mim!

Agradeço também a toda vizinhança da Vila, que amo como uma família, e deixaram o processo mais leve com nossos rangos dominicais.

À Annaline, amiga e grande referência nas artes para mim, por me apresentar um mundo que eu sempre busquei, mas não sabia que existia.

Agradeço às mulheres que criem, pois são inspiração na minha prática, e também às que estão pesquisando tanto sobre o nosso corpo.

À minha orientadora Giselly Brasil, por todas empreitadas dentro e fora da orientação do TCC, enriquecendo muito minha vida acadêmica.

À professora Ana e a pedagoga Vanessa do Colégio Gabriel de Lara, que apoiaram meu projeto, e todas as estudantes que viveram os encontros junto comigo.

E finalmente agradeço pelo acesso à universidade pública, um direito que vem sendo ameaçado constantemente no ano de 2019. Que lutemos por este espaço!



Para mí sólo recorrer los caminos que tienen corazón,
cualquier camino que tenga corazón

Las enseñanzas de Don Juan, Carlos Castañeda

RESUMO

A temática deste trabalho de conclusão de curso nasce de uma urgência da autora em compartilhar e recriar vivências impulsionadas pelo tema menarca, nome dado à primeira menstruação. Pelo viés da narrativa de si, a pesquisa desdobra-se em obras autorais e em cinco encontros de arte e educação no espaço escolar, realizados no município de Matinhos, Paraná. Nesses encontros, foram abordados o tema da menarca e do corpo da mulher, de forma sensível, através de práticas de movimento, voz e das visualidades, sempre atravessados pelo cuidado de si, pela escuta, pelo afeto, e em diálogo com outras áreas do conhecimento como biologia, sociologia e agroecologia. Os encontros foram elaborados de modo a favorecer a partilha e a construção coletiva, almejando criar um ambiente favorável e facilitador para a experiência. O trabalho é organizado por territórios, sendo eles o da Memória e Narrativas de Si, o da Arte e educação, e os Territórios dos encontros e das novas aberturas.

Palavras-chave: 1. Arte 2. Menarca 3. Educação 4. Experiência
5. Cuidado de si

RESUMEN

La temática de este trabajo de conclusión de curso nace de una urgencia de la autora en compartir y recriar vivencias impulsadas por el tema menarquía, nombre dado a la primera menstruación. Por la vía narrativa de sí, la investigación se desdobra en obras autorales y en cinco encuentros de arte y educación en el espacio escolar, realizados en el municipio de Matinhos, Paraná. En estos encuentros, fueron tratados los temas de menarquía y de el cuerpo de la mujer, de forma sensible, a través de prácticas de movimiento, voz y de visualidades, siempre atravesados por el cuidado de sí, por la escucha, por el afecto, y en dialogo con otras áreas de conocimiento como biología, sociología y agroecología. Los encuentros fueron elaborados de modo a favorecer el compartir y la construcción colectiva, anhelando criar un ambiente favorable y facilitador para la experiencia. El trabajo es organizado por territorios, siendo ellos el de la memoria y narrativas de sí, el de arte y educación, y los territorios de encuentro y de las nuevas aberturas.

Palabras claves: 1. Arte 2. Menarquía 3. Educación 4 Experiencia 5. Cuidado de sí

MAPA

1.ABERTURA	9
2.TERRITÓRIO DA MEMÓRIA E NARRATIVA DE SI	11
2.1 EU-CORPO.....	11
2.2 NÓS, MULHERES	14
2.3 ANCESTRALIDADE	15
2.4 SOCIEDADE, GRANDE CORPO	18
2.5 TERRA, NOSSO MAIOR CORPO	19
3.TERRITÓRIO DA ARTE E EDUCAÇÃO	22
3.1 EDUCAÇÃO	22
3.2 EXPERIÊNCIA	22
3.3 TEORIA DAS CINCO PELES	23
3.4 TÉCNICAS DE SI	25
3.5 ARTE E VIDA	27
4.TERRITÓRIO DOS ENCONTROS	28
4.1 DESVIOS	28
4.2 COMO CHEGAR?.....	29
4.3 MOMENTOS E PERCEPÇÕES	31
5.TERRITÓRIO DAS NOVAS ABERTURAS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO 1: PLANEJAMENTO DOS ENCONTROS	42

1. ABERTURA

Existe [aí] um paradoxo interessante, porque dizemos sempre “meu corpo”, como se existisse um eu em algum lugar externo ao corpo que é dono desse corpo, porque não existe nenhum eu em nenhum outro lugar que não seja o próprio corpo. Quer dizer, o eu é o corpo. (KELH, 2005, p.110)

Esse paradigma sobre o corpo é o ponto de partida para minha escrita. Interessa-me esclarecer que compreendo o corpo como o primeiro território de poder. Assim como nos disse Foucault (1979, p.146) “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo.” E se é no corpo que poderes opressivos se instalam e se aprofundam, desde a matéria à subjetividade, é também por meio do corpo e da reflexão sobre ele que podemos construir caminhos para resgatar o nosso próprio poder.

Estes escritos trazem consigo o tema da memória e da narrativa de si, compreendendo a memória como uma construção móvel, como aquilo que é construído nas relações, que é atualizado constantemente e que pode ser alterada pela narrativa, reforçando a ideia da escrita de si como uma possibilidade de reestruturação do passado e do presente, do Eu como uma possibilidade de construção em aberto, e o passado sujeito a novas interpretações.

Este é um trabalho escrito em primeira pessoa. Não pude conceber a escrita de outra forma, já que o tema é um desdobramento da minha intimidade, das minhas vísceras, do meu sangue. Falo sobre a menarca, nome dado à primeira menstruação. O trabalho explora a relevância da temática para mim, assim como a partilha com outras sobre o corpo da mulher¹ e a menstruação.

Num mundo com tantas urgências a serem olhadas, esta temática tem sido emergencial para mim, visto que atravessou o meu corpo de forma aguda, de modo que não pude mais me desocupar dela, não pude fugir, não pude esquecer. Só me restou mergulhar. Esta será uma caminhada por este território.

Convido a todas e todos a entrar e conhecer minha travessia. Para organizar este percurso, fiz uma divisão em estruturas que chamarei aqui de Territórios. Esta travessia é composta por quatro grandes territórios, sendo eles: Território da

¹ Esse trabalho refere-se às mulheres cisgênero, pois trabalho na perspectiva da narrativa de si, porém há interesse no desenvolvimento de outras abordagens caso este trabalho siga se desenvolvendo na perspectiva da arte e educação.

memória e narrativa de si, Território da arte e educação, Território dos encontros e Território das novas.

Na primeira parte, encontramos o Território da memória e narrativa de si. Neste território está localizado o caminho da motivação desta pesquisa, que surge como uma narrativa de si, deixando evidente arte e vida como o grande território no qual se desenvolve este trabalho de conclusão de curso. Artistas contemporâneas, como Marina Abramovic, Rosana Paulino, Ana Mendieta, que constroem suas obras num diálogo que revela cada vez mais suas intimidades e questões pessoais, são referências que me auxiliam na investigação deste caminho. O tema gerador para esta caminhada foi meu esquecimento]da menarca, que se desdobra em ações e abordagens que tem como objetivo refletir e compreender o corpo da mulher em nossa sociedade.

Esta caminhada é composta por cinco trechos: Eu-corpo; Nós-mulheres; Ancestralidade; Sociedade, grande corpo; Terra, nosso maior corpo. Esta organização foi inspirada pela teoria das cinco peles, do artista e ambientalista Friedensreich Hundertwasser, que voltará a aparecer nesta travessia com maior profundidade nas páginas seguintes. Em cada um desses trechos, trago uma narrativa de minha trajetória, sempre tecendo um diálogo com outras autoras e autores.

Depois de atravessado esse percurso, chegamos no Território da arte e educação, nos quais são desenvolvidos o embasamento e os referenciais para a elaboração de cinco encontros realizados com meninas de uma turma do oitavo ano, no Colégio Estadual Gabriel de Lara, na cidade de Matinhos, Paraná. Foram realizados cinco encontros de arte e educação atreladas ao pensamento feminista, e ao cuidado de si, com ênfase na menarca como elo de conexão entre as práticas e os processos.

Para compartilhar um pouco do que foram e como me tocaram esses encontros, construí o Território dos encontros, tecendo algumas reflexões sobre o processo e compartilhando algumas das práticas. O planejamento integral destes encontros está anexado, sendo uma passagem possível para quem quiser se aprofundar no percurso.

O último território, chamado Território das novas aberturas, não conclui o percurso. Ele é um ponto que permite ao leitor e à leitora visitar o caminho feito,

tomar fôlego, respirar, e retomar a caminhada, por este ou por novos caminhos, levando as experiências desta viagem consigo. Boa Viagem!

2. TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA E NARRATIVA DE SI

2.1 EU-CORPO

Somos o que somos. Somos o que sentimos. Somos o que pensamos. Somos o que desejamos. Somos o que fazemos, mediados por gestos e movimentos. Somos nosso corpo. Carregamos em nosso corpo as marcas de nossos sentimentos, crises, conquistas, impasses, nossa história. (TRINDADE, 2006 p.10)

De que matéria é feita um corpo? Como se dá o esquecimento?

A matéria geradora desta escrita partiu de minha própria história, de marcas do meu próprio corpo-memória, e que hoje aqui compartilhadas, buscam se expandir e ecoar em tantos outros corpos:

Ano de 2018. Vermelho. Sangue escorrendo fora do momento esperado, fora da regra, como diziam. Será gravidez, aborto, doença grave? Há um mistério, ou talvez seja melhor chamar de um grande desconhecimento do meu próprio corpo de fêmea? Este sangue (o)correu há um ano, e foi esse grande susto que me levou a um consultório médico de ginecologia natural. Lá, logo de início, fui indagada pela médica sobre a história da minha menstruação desde a menarca. Fiquei muda, paralisada, mergulhei profundamente no meu passado, na minha pré-adolescência, e então lhe disse: não consigo lembrar de nada, nem uma gota do meu primeiro ciclo.

Esse esquecimento tonou-se muito presente em mim. Havia uma investigação nascendo aí, algo a ser desvendado, desnudo, um mergulho na ausência.

Contada essa história, aqui dou um pequeno salto, ainda em 2018, e vou para o ateliê de gravura, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde realizei mobilidade acadêmica durante um ano (2017.2 – 2018.1). Lá cursei o módulo Laboratório de Gravura, no qual, por obra do acaso, só haviam mulheres matriculadas. Em meio às conversas e produções, percebemos que todas as

mulheres presentes tinham alguma relação com o livro *Mulheres que correm com os lobos*², e tivemos a ideia de produzir gravuras baseadas nos contos do livro.

O conto escolhido por mim foi “sapatinhos vermelhos”. Neste livro, após o conto, há sempre uma interpretação e análise feita pela autora sobre os aspectos psicológicos da história. Durante a leitura da interpretação desse conto, me confrontou o seguinte parágrafo:

Diz-se que nas antigas culturas matriarcas da Índia, do Egito, de partes da Ásia e da Turquia- que parecem ter influenciado o nosso conceito de alma feminina por milhares de quilômetros em todas direções- a transmissão da *henna* e de outros pigmentos vermelhos às mocinhas, para que pudessem tingir os pés com eles, era uma característica fundamental dos ritos de passagem. Um dos ritos de passagem mais importantes tratava da primeira menstruação. Esse rito celebrava a travessia da infância para a profunda capacidade de gerar vida no próprio ventre, de dispor do poder sexual resultante e de todos os poderes femininos periféricos. A cerimônia apresentava o sangue em todos os seus estágios: o sangue uterino da menstruação, o do parto, o do aborto, todos escorrendo na direção dos pés.” (ESTÉS,1994,P.295)

Este trecho reverberou profundamente em mim. Em nossa cultura não temos ritos de passagem para a menarca, mas o fato da minha memória falhar nesta ocasião, percebendo o olhar de outras culturas para este acontecimento, me deixou ainda mais perplexa. Como resgatar uma memória? O que eu-corpo está contando quando apaga este registro de si? Como (re)incorporar este fato, reconstruir uma memória, realizar este rito de passagem anos depois?

Interessa-nos identificar, na arte contemporânea, o estado de perda a que chamamos esquecimento de si, mas também os indícios da retoma a que poderíamos chamar rememoração de si. A obra de arte e as ficções que ela convoca são espaços profícuos de encontro com esses dois lados da Experiência. (NAZARÉ,2007,p2)

Assim como expõe Nazaré (2007), acredito que a expressão artística tenha o poder de reformular narrativas, ressignificar fatos que possam trazer a potência da rememoração de si. Encontrei no espaço de criação de gravura, inspirada no conto “Sapatinhos Vermelhos”, um momento para produzir, com minhas próprias mãos, ritos de passagem que me faltaram.

² Este livro é da psicóloga Junguiana e contadora de histórias Clarissa Pinkola Estés e mostra como a partir de mitos, contos de fadas, lendas do folclore e outras histórias escolhidas em 20 anos de pesquisa, a mulher pode se ligar novamente aos atributos saudáveis e instintivos do arquétipo da mulher selvagem

Num processo profundo de entrega, pude evocar e deixar fluir através de mim a força da ancestralidade e do inconsciente para produzir uma imagem que me dissesse e me revelasse a força de um rito.



Figura 1, Ligia de Mello, Rito, linoleogravura, 2018

2.2 NÓS-MULHERES

Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes – agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.

Trecho do poema Eu-Mulher, de
 Conceição Evaristo

Nós, mulheres, estamos aprendendo, a cada dia, a como deixar para trás padrões machistas, fruto da sociedade patriarcal na qual vivemos, e recriar juntas novos modos de ser e viver coletivamente, com base em valores colaborativos.

Impulsionada pelo esquecimento da menarca, acontecimento relevante na vida de uma mulher (mesmo que apenas biologicamente, para algumas), comecei uma pesquisa informal com as mulheres mais próximas. Procurei entender se elas se lembravam de suas menarcas, se tiveram apoio de seus familiares, se entendiam o que estava acontecendo, etc. Em grande parte dos relatos, as mulheres recordaram de certo desamparo, sem saber muito bem o que estava acontecendo. Muitas associaram este fato biológico a uma atitude social, pois era reforçada a ideia de que viraram “mocinhas” e tinham que se portar de outra forma. Em muitas famílias não se comentava muito sobre este acontecimento, e geralmente quando era comentado gerava-se um grande desconforto.

Permaneci mergulhada na temática, buscando reconstruir minhas lembranças da infância, e também refletindo sobre as narrativas que colhi, de desconforto em relação à menarca. Por que um ciclo natural do corpo da mulher, ciclo relacionado à geração da vida, pode causar tanta vergonha, e para alguns até sentimentos como repúdio e nojo? Como essa construção de ideias sobre o corpo feminino afeta nosso estar no mundo?

Narrando minha história sobre a menarca para outras mulheres, percebi a identificação de muitas sobre sentirem-se desamparadas. Compartilhamos o

sentimento de falta de conhecimento e diálogo sobre nosso próprio corpo, sobretudo na pré-adolescência. Quando dividimos fatos de nossa vida privada com outras, percebemos que as coincidências são mais comuns do que pensávamos. Assim, passei a perceber essas questões não somente como uma história pessoal, mas também social. Reafirmando esta ideia, Margareth Rago nos fala sobre as cartas escritas por Anita Malfati e Aneyda Alvarenga, ambas de caráter pessoal, endereçadas à Mario de Andrade:

(...) ao narrarem os fatos singulares, cotidianos de suas vidas, essas mulheres se dissolvem, se (des)individualizam, ao dar visibilidade a experiências femininas comuns. (...) Ao escreverem sobre si, essas mulheres questionaram as fronteiras entre o público e o privado, (...) a intimidade e a política, o eu e o tu, o nós e o eles (...) Ao rasgarem o verbo, numa narrativa marcada pela privacidade, intimidade e introspecção, tornaram visíveis traços comuns de uma posição histórica de desvalorização e opressão feminina. Daí, o caráter eminentemente político que pode ser extraído da escritura dessas mulheres. (RAGO, 2013, p.19)

Aqui reafirmo a partilha das subjetividades e a produção artística como forma de resistência, e sobretudo, forma de recriarmos outras possibilidades de exercer o “ser mulher” no mundo.

2.3 ANCESTRALIDADE

Muito me inspira para pensar em ancestralidade a sabedoria dos povos Acã, grupo linguístico da África Ocidental, que possui um conjunto de símbolos ideográficos chamado Adinkra. *Sankofa*, um dos *adinkra* mais conhecidos, significa a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Seu símbolo é o pássaro que olha para trás, ele nos diz: Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás.³

A grande maioria das mulheres com quem conversei sobre a menarca lembrava como e quando ela aconteceu, ainda que muitas das experiências não tivessem sido muito boas. Apenas uma destas mulheres não se lembrava de sua primeira menstruação: minha mãe. Ela, assim como eu, não se lembrava de nada.

³ Fonte: Ocupação Abdias Nascimento, Itaú cultural, 2017 disponível em <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento>> acessado em 02/10/2019

Em minhas pesquisas pessoais sobre o tema, no universo da ginecologia natural e de tradições populares, tradicionais e não-médicas, de cura e saúde, pude encontrar referências que me guiaram no entendimento do tema:

Quando adentramos na história da sexualidade de nossa mãe ou avó (as nossas principais referências femininas) Por mais diferentes que sejamos delas, pouco a pouco podemos ir nos entendendo e reconhecendo o que essas vidas nos transmitiram de positivo e negativo, o que devemos cortar para mudar o rumo da história da nossa linhagem feminina. Não podemos nos colocar perante o mundo sem entender a história das gerações anteriores, com suas conquistas e erros, que hoje nos permitem estar vivas. Resolver as dores da nossa *útera* está diretamente relacionado a fazer as pazes com a Matriz que deu origem à nossa vida.(MARTÍN, 2015, p.17)

Com base nesses saberes, percebo a relação da ancestralidade como um elemento importante para o entendimento e apropriação do corpo no mundo. Quem sou eu? Qual a origem de meus antepassados? Há quantas gerações minha família vive neste território? Sei histórias de meus antepassados? O que carrego deles em mim?

Desde temas como sexualidade e modos de se relacionar afetuosamente até origens e hábitos culturais, tudo isso é corpo.



Figura 2, Ligia de Mello, Por dentro de nós ,fotocolagem, , 2019

2.4.SOCIEDADE, O GRANDE CORPO

Impulsionada por essa pesquisa que nasce de uma vivência íntima e individual, pude compreender que a falta de conhecimento sobre o próprio corpo e/ou a falta de partilha destes saberes ocorre historicamente por conta da sociedade patriarcal na qual estamos inseridas:

Ao longo da História, os corpos das mulheres têm sido alvo de constantes abusos e experimentações. A nossa sexualidade tem sido considerada um território que se controla, se analisa e se submete. É como se uma parte nossa tivesse sido apagada.(...) Um universo de culpas se atribui a este “ser errante”, a este “homem mutilado”, como nos chamou Aristóteles; a este “sexo que não existe”, como afirma Sigmund Freud. (MARTÍN, 2015, p.33)

O tema da mulher na sociedade, abordado histórica e sociologicamente, nos dá elementos para compreender como se construiu a ideia de mulher que temos hoje, e porque devemos refutá-la. Somos mulheres, plurais, com grupos identitários diversos, e com vivências do ser mulher que muito se diferenciam, mas há congruências.

A relação com o corpo, por exemplo, expressa muito da sociedade na qual estamos inseridas. Padrões estéticos hegemônicos entram em confronto com grande parte das mulheres brasileiras.

As críticas destrutivas e desdenhosas a respeito da forma herdada de uma mulher privam-na de diversos tesouros psicológicos e espirituais preciosos e de vital importância. Privam-na do orgulho pelo tipo de corpo que lhe foi transmitido por linhagens de antepassados(...)Semelhante agressão a uma mulher destrói seu legítimo orgulho de parentesco com sua própria gente e lhe rouba a alegria natural que ela sinta por seu corpo, não importa qual seja sua altura, tamanho ou forma. (ESTES, 1994, p 254)

Buscando em minha própria vida realizar um resgate de outros saberes, recorro à leitura e ao contato com mulheres que resistiram, mantendo vivos seus saberes ancestrais, sobre o corpo, sobre a espiritualidade, sobre as emoções, e sobre a vida, na tentativa de desconstruir o que nos foi imposto, e criar novas possibilidades de existir, de se expandir e se abrir para o mundo.

2.5 TERRA, NOSSO MAIOR CORPO

O encontro com a terra chega como rito, como conexão, como um lugar seguro onde podemos encontrar a força que buscamos, unidade, pertencimento. Ir além da cultura patriarcal e nos relacionar com cosmovisões ameríndias, que se mantêm com resistência em nosso território latino americano.

Em muitas cosmovisões a terra é associada ao feminino, dada sua fertilidade, seu poder de criação, acolhimento, transformação. A terra gera e fornece alimento, capacidade que encontramos também no corpo da mulher.

Porém, a terra vem sendo vista como mercadoria e está a serviço de interesses perversos do patriarcado, do capitalismo e do colonialismo. A terra vem sendo desrespeitada, explorada, devastada e envenenada - o que tem levado a nós, a humanidade, e a tudo que é vivo, a um grande declínio. Ailton Krenak, um dos mais destacados líderes do movimento indígena no Brasil, afirma:

Estamos tentando abordar o impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a terra, que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe e provedora em amplos sentidos, não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que dá sentido à vida. (KRENAK, 2019, p42)

A terra, assim como o corpo da mulher, vem sendo violentada de diversas formas. Pensar este rito de conexão é se voltar ao corpo, voltar-se à terra, e do espaço onde vivemos. preciso tecer novamente um sentido transcendente, um lugar de pertencimento, que nos traga sentido à vida.

Ao longo do tempo, passamos por processos que separaram o homem da vida. Por privilégio, interessadamente, os homens ganharam poder, mas esse poder se deu através da separação. Separação da natureza, separação deles mesmos, separação da família e da comunidade. Por que as mulheres foram deixadas para cuidar do sustento, da vida, das crianças, de buscar água, buscar combustível, cozinhar... As mulheres continuaram a ser relacionadas com vida. E isso não era chamado de trabalho: "as mulheres não trabalham", foi dito. Mas era o verdadeiro trabalho de manter, reproduzir a vida.(...) E é por isso que eu digo: no que se refere à vida, as mulheres são experts. Não porque nossos genes e biologia nos fazer assim. Mas por que nos deixaram para cuidar do sustento

da vida nos fez expert de uma ponte para o futuro, onde teremos que voltar à vida às considerações de como manter a vida. SHIVA⁴

Assim como afirma Vandana Shiva, creio que o poder regenerativo do mundo está na aprendizagem de ouvir quem conhece a vida em sua inteireza. Buscar ouvir a voz das próprias plantas, da própria terra, das águas, e dos seres que podem falar esta língua.

,

⁴ Vandana Shiva – As mulheres e a construção do novo mundo. Acesso em 12/10/2019 disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>>>



Figura 3, Ligia de Mello, autorretrato, Útero, 2018

3 TERRITÓRIOS DA ARTE E EDUCAÇÃO

3.1 EDUCAÇÃO

Buscando multiplicar o acesso a outros modos de conexão, direciono meu olhar aos possíveis espaços de diálogo sobre a temática do corpo, especificamente o corpo da menina-mulher, a adolescente, que enfrenta grandes transformações corporais e sensíveis, como a menarca. A intenção é construir um contraponto à alienação de si - a qual vínculo fortemente a uma cultura patriarcal hegemônica.

Propus oficinas no campo da arte e educação, norteadas pela temática do corpo, para a escola Estadual Gabriel de Lara, localizada no município de Matinhos, no Paraná. Essa escola tem uma grande abertura a projetos vinculados à Universidade, e acolheu minha proposição, compreendendo o tema do corpo para as meninas adolescentes como um aspecto importante a ser trabalhado, sobretudo na fase de transição para a adolescência, com as mudanças significativas que ocorrem nesse período.

A princípio, os encontros seriam realizados no contra turno, porém muitas meninas dependem do ônibus escolar para voltarem para casa. A coordenação pedagógica sugeriu então que os encontros ocorressem durante o horário de aula de artes, desde que produzíssemos materiais para realizar uma avaliação posteriormente. Assim, a professora de artes permanecia em sala com os meninos, e realizávamos nossos encontros em outros espaços.

3.2 EXPERIÊNCIA

O desenho destes encontros prioriza, antes de conteúdos, a possibilidade de abertura para experiências. De acordo com Larrosa, a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. (2016, p.18) Desse modo, com essa proposição, acredito abrir espaço para que experiências ocorram, já que ainda de acordo com Larrosa, nossa sociedade está tomada pelos excessos de informação, opinião, trabalho, e falta de tempo, o que inviabiliza a construção de espaços sensíveis e ações que promovam o conhecimento de si.

Elaborar espaço para este encontro significa dar tempo e espaço para o cuidado de si, dilatando o tempo cotidiano e escolar, e produzindo uma abertura para demorar-se em si, para a sensibilização e afeto. Deste modo, é criada uma oportunidade de encontro e experiências coletivas em um contexto no qual estamos sempre lidando com excessos de informações, mergulhados em redes sociais virtuais, etc.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.(LARROSA, 2016, p.25)

É bastante importante esclarecer que estes encontros são artísticos, e não tem um enfoque biológico, entendendo o corpo como um campo de complexidades e levando em conta as subjetividades que operam sobre ele. Busco nestes encontros, promover o cuidado de si, compreendendo o cuidado como uma micropolítica.

Talvez a grande contribuição a partir do pós-guerra dada por pensadores de vários movimentos tenha sido enxergar política onde ninguém via, ou seja, descentrar o foco e entender que há uma política do cotidiano, que a vida e a gestão do corpo, da sexualidade, da família, da escola, da relação com os saberes, (...) que tudo isso tem uma dimensão política e que o poder não se resume a um presidente, a um ministro. (...)há exercícios de poder por toda parte (...). Talvez seja isso que alguns chamam de microfísica do poder, ou dimensão molecular da política, ou, então, da micropolítica⁵. (CANTON, 2009, P.24)

3.3 TEORIA DAS CINCO PELES DE FRIEDENSREICH HUNDERTWASSER

Para abordar temas subjetivos que envolvam a construção de um corpo sensível a partir de práticas de arte, busquei inspiração numa vivência realizada na aula de Arte Ambiental, ministrada pela professora Annaline Curado, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Havia uma proposição baseada na teoria das Cinco Peles, do artista Friedensreich Hundertwasser.

⁵ Trecho da resposta do filósofo Peter Pál Pelbart na entrevista realizada por Katia Canton em novembro de 2017.

Hundertwasser (1928 -2000) nasceu em Viena, na Áustria. Sua prática artística foi bastante influenciada pelo pensamento ecológico e social, que emergia na década de 1960, como ideias de sustentabilidade e permacultura, que questionavam os valores vigentes. Ele já identificava o colapso ambiental que estaria por vir se não fossem questionados os modos de produção, de consumo, e também o modo de se viver e pensar.

Além de pintor, era também ambientalista e arquiteto. Trouxe em suas práticas e teorias, vivências e saberes que nos possibilitam maior conhecimento sobre diversas esferas de nossa vida, e propõe, com sua prática, outros modos de fazer e habitar, promovendo o autoconhecimento e o olhar crítico sobre os próprios hábitos. Sua Teoria das Cinco Peles possui esta organização:

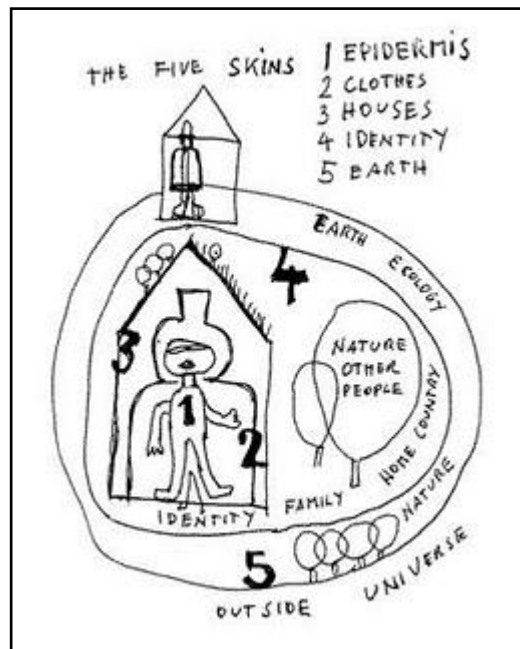


Figura 4, Hundertwasser, As cinco peles do homem, 1998

Fonte <https://hundertwasser.com.br/>

A primeira, a pele natural, é repleta de intimidade com o sujeito, na medida em que reveste seu corpo físico e seu Eu. O processo de expansão da subjetividade dá-se na segunda pele, no direito à indumentária personalizada. O próximo passo diz respeito ao espaço físico imediatamente circundante, a casa. A quarta pele situa o sujeito criativo em seu ambiente social e foca no desafio de preservação de sua identidade pessoal. A quinta pele é a pele planetária, diretamente relacionada a problemas ambientais e soluções ecológicas viáveis. (NUNES,2008,p21)

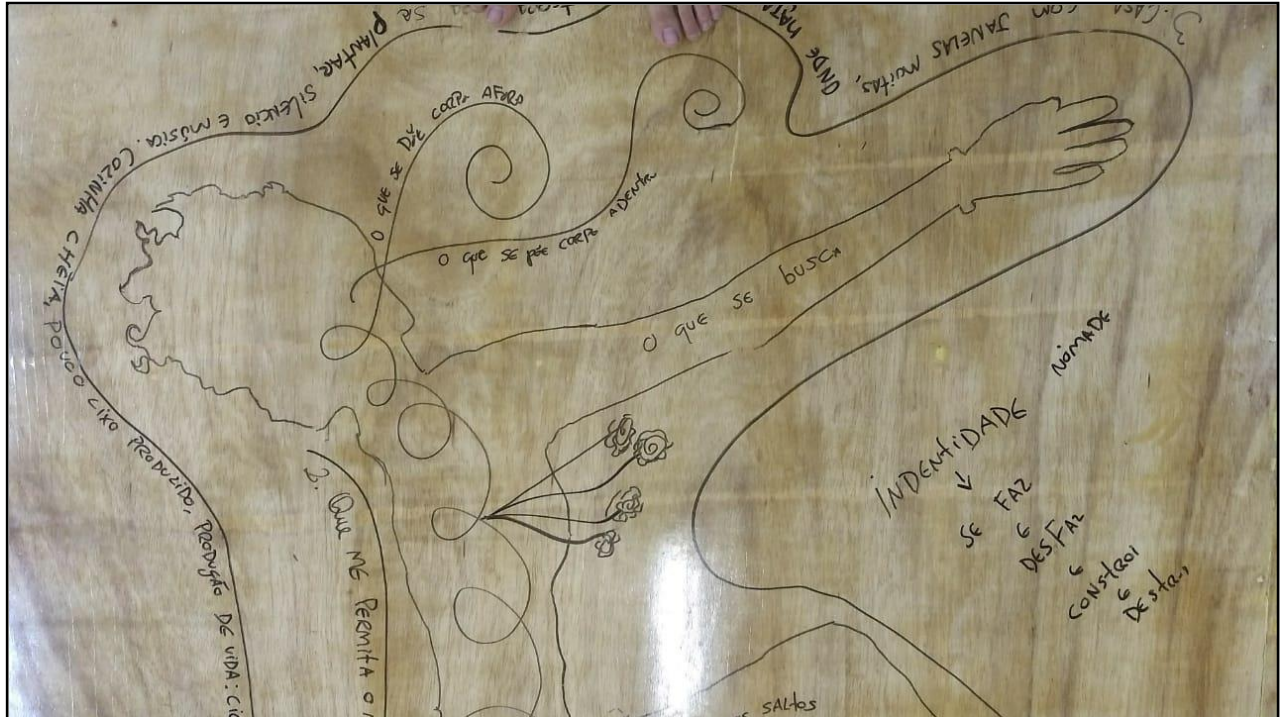


Figura 5, registro da prática proposta na disciplina Arte Ambiental

A vivência realizada estimulou uma pesquisa de si, proporcionando reflexões sobre aspectos da vida cotidiana, começando desde a relação com o corpo e a pele, a relação com a própria casa e a apropriação (ou não) deste espaço, indo até a relação com o planeta. A partir destes disparadores criamos uma espécie de mapa de nosso próprio ser, norteados pelo estímulo que a teoria das cinco peles nos dava.

Com base nas cinco peles de Hundertwasser, realizo uma releitura, e proponho estas novas cinco peles, pensadas para os encontros na escola: Eu-corpo; Nós mulheres; Ancestralidade; Sociedade, grande corpo; Terra, nosso maior corpo.

3.5 TÉCNICAS DE SI

Cada encontro foi planejado tendo como eixo principal uma dessas peles, com o objetivo de impulsionar nas meninas um olhar atento para elas mesmas, produzindo em cada uma das camadas das peles uma espécie de escrita de si. Essa escrita de si, que se revela como investigação e materialização desse pensamento, pode ser pensada a partir de diferentes formas de expressão, como as artes visuais, por exemplo:

As artes plásticas também podem ser pensadas como técnicas de si que incitam à transformação, conforme esclarece Foucault. Afinal, questiona ele:

“por que um pintor trabalharia se não fosse para ser transformado por sua pintura?(Foucault apud Carneiro,2004: 21)

A escrita de si e o cuidado de si constituem parte de uma prática denominada “técnicas de si”. Estas são práticas que assim como a meditação, a dieta, os exercícios físicos e espirituais, a parrésia⁶ ou coragem da verdade constituem as “estéticas da existência” ou “arte do viver”, prática grega e romana da Antiguidade ocidental que visa um trabalho ético-político sobre si mesmo, como nos diz Rago (2013, p.43).

Foucault (2004 apud RAGO, 2013, p.13) que em sua obra revisita o pensamento Antigo das técnicas de si, nos fala sobre o cuidado nesta perspectiva: “cuidar-se é uma atitude para consigo, para com o outro e para com o mundo, Cuidar de si é uma ação política, tratava-se de unir pensamento e ação, fortalecer a relação consigo para agir no mundo como se deve”.

Minha motivação para trazer o tema das práticas e do cuidado de si às atividades educativas surgiu com a vivência ao longo dos quatro estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Artes, nos quais procurei propor atividades em que eu pudesse escutar os alunos, compreender o que eles pensavam sobre determinadas questões, fazendo esta costura, necessária e urgente, entre arte e vida, e, sobretudo, entre a escola, o conhecimento e a vida.

Nas brechas construídas para que eles pudessem falar sobre si, percebi grande necessidade de partilhar questões importantes e sérias, que passam pelo âmbito da necessidade do cuidado de si, como homofobia e suicídio. Entendo que essas experiências nos estágios me impactaram, e também me geraram incômodos frente à estrutura escolar, muitas vezes baseada numa educação bancária, e que não abre espaço para relacionar o conhecimento à vida dos alunos. Deparei-me com uma escola, em minha opinião, pouco humanizada.

Com base num pensamento de uma educação engajada, e atenta à realidade das educandas, e também nas perspectivas da arte contemporânea, realizo nesta proposta de arte e educação uma costura entre a arte e a vida.

⁶ Segundo Rago (2013) parrésia pode ser definida como o dizer a verdade, sem dissimulação, o falar francamente não importa para quem, mas que não se trate de qualquer enunciação da verdade e sim daquela que comporta um risco em relação à pessoa a quem se fala

3.6 ARTE E VIDA

A arte mudou. Na verdade, mudou o *conceito* de arte. Depois que Duchamp levou um mictório para o museu (*os ready-made*); que Andy Warhol pintou latas de sopa Campbell's; que John Cage escreveu seu 4'33; que Steve Paxton criou seus *Walking Pieces*, não se pode mais dizer que existe a Obra de Arte, feita para ser contemplada à distância por uma plateia selecionada. A obra de arte perdeu sua "aura", não é mais única e eterna. (Benjamin, 1985 apud MARQUES, 2011, p.28)

A partir deste marco, podemos compreender a arte também como acontecimento, como experiência. Ela passa a ser não somente vinculada a uma área de representação, a um suporte tradicional, e sim cada vez mais atrelada à própria vida.

No Brasil, tivemos vanguardas artísticas que também transformaram e recriaram o conceito de arte. Artistas como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape utilizaram o corpo como suporte e próprio espaço de acontecimento da obra e propuseram propostas participativas e sensibilizadoras, abrindo novos caminhos para a arte contemporânea no Brasil e no mundo.

O corpo, no campo das artes, toma força e importância entre os anos 60 e 70, impulsionado por correntes filosóficas como a fenomenologia. Ele passa a ser não mais compreendido como um lugar onde se instala o Eu, mas sim como o próprio Eu:

Quando o corpo é considerado um objeto separado do sujeito, tal qual ocorre no paradigma cartesiano, não é válido acessar a subjetividade do outro; mas, na abordagem somática, que se vincula a paradigmas pós-positivistas e métodos qualitativos, a subjetividade passa ao status de fonte de dados. Em relação ao corpo, é abordado como um mediador, pois, como afirma Luijpen (1973), não temos um corpo, e sim somos um corpo⁷; assim, não se separa objeto e sujeito, mudando-se a maneira de compreender essa unidade. (VIEIRA, 1998, p.42)

Porém, se a produção artística mudou, ainda não é possível perceber o mesmo em muitas práticas educacionais, nas aulas de artes e no chão da escola, onde o pensamento estritamente cartesiano não perdeu seu lugar:

Inúmeros autores, entre eles Ana Mae Barbosa e Louis Aranaud Reid, têm apontado que a supremacia da razão iluminista nos bancos escolares, em detrimento da intuição, do corpo, do místico e do mítico, tem excluído a Arte

⁷ Luijpen embasa tais colocações nas obras de Sartre (*L'Être et le Néant*), Mareei (*Etre et Avoir; Du Refus à VInvocation*) e Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception*).

do currículo escolar ou então alijado-a aos cantos recreativos das práticas educacionais. O sistema de ensino ocidental, com raras exceções, (...) têm caracterizado esta metanarrativa como uma “voz” que representou e generaliza um discurso patriarcal, branco, europeu, etnocêntrico, dualista, imperialista, separatista e logocêntrico, imposto como verdade *única* e comum a *todos* os seres humanos.” (MARQUES, 2011, p.57)

A proposta com estes encontros é uma tentativa de contrapor, tanto a ausência do corpo como produção de conhecimento neste espaço escolar, quanto esta “voz” que generaliza o discurso patriarcal, logocêntrico, etnocêntrico, etc, presente hegemonicamente em nossa sociedade e na estrutura escolar.

Rivera Cusicanqui (2015) nos inspira quando afirma que as trocas horizontais, as práticas orais e as produções visuais (ações que compõem a sua Sociologia da Imagem) podem auxiliar no reconhecimento do colonialismo interno e na descolonização das subjetividades e do conhecimento. (RODRIGUES ,2019, p.154)

Portanto, busco nos encontros não apenas falar e compartilhar sobre o corpo, mas promover um saber que nasça dos pés, dos braços, da pele, dos cheiros, do afeto, que gere uma maior sensibilidade no estar no mundo. Potencializar as histórias e conhecimentos individuais sobre o corpo físico e social que cada uma das meninas possui, e criar espaço para compartilhar e aprender juntas outras formas de ser menina-mulher, buscando o conhecimento das presentes arquiteturas de si, e outras possíveis construções.

4 ENCONTROS

4.1 DESVIOS

Minha intenção era relatar os encontros separados nos subcapítulos das cinco peles , assim como em Territórios da Memória e Narrativas de Si, posto que no planejamento dos encontros idealizei para cada tema (pele) uma abertura e um fechamento no mesmo dia.

Porém, foi necessário superar a ideia das cinco peles como estrutura fechada em si, sem poros. Percebi durante os encontros que elas são extremamente permeáveis, e tive dificuldade de falar de alguma pele sem que outras a atravessassem. Antes de perceber sua porosidade e suas trocas, a rigidez fictícia

me serviu para organizar a minha própria história no capítulo Territórios da Memória e Narrativas de Si.

Durante os encontros sempre voltávamos ou avançávamos para outra pele, de modo que os planos que elaborei tornaram-se permeáveis, com poros abertos, e assim, desviaram um pouco do planejamento mais estrito. Alguns desvios e adaptações foram realizados no caminho, dialogando com a vontade das meninas.

4.2 COMO CHEGAR?

A materialidade é sempre um bom modo de começar. O ambiente escolar, em sua maioria, é um tanto impessoal. Tanto sua estrutura rígida das carteiras enfileiradas, sem cores, sem novidades, salas lotadas, o sinal fabril que administra o tempo com exatidão, a hierarquia muito bem verticalizada, nenhum destes fatores colaboram para uma educação do sensível.

Em meio a este contexto minha proposta veio sugerir a construção, ainda que efêmera, de um lugar de afeto neste ambiente. Agir na espacialidade do local foi minha primeira questão. Conseguimos para a maioria dos encontros uma sala maior e sem as carteiras enfileiradas, o auditório. Ele possui muitas janelas, sendo que de um lado há o pátio, e do outro lado esta localizada a entrada da quadra. Ou seja, sempre muito barulho.

Pergunto-me: Como Chegar? Aconchegar, a-con-chegar. Penso numa livre associação, que pra mim remete a chegar junto. E sigo com esta pergunta: como chegar junto, construir junto?

Quatro esteiras de palha dispostas no chão, uma térmica com chá no centro da roda, uma música tranquila soando, e o ambiente perfumado com uma água de cheiro (água e óleo essencial de gerânio). Procurei construir um ambiente no qual os sentidos fossem estimulados. O cheiro, o som, o paladar, o tato, a visão, todos os sentidos estavam sendo sutilmente provocados.

Foi assim que recebi as meninas pela primeira vez, e mantive esse ambiente, que decidi chamar de Zona Temporária de Aconchego, durante os cinco encontros.

A construção de um ambiente mais horizontal, onde todas tivessem sua voz escutada e valorizada, foi importante para a partilha de temas mais íntimos. Cheguei contando a elas o porquê de estar ali propondo este encontro, narrando minha história pessoal sobre o esquecimento da menarca.

Busquei compreender qual era a relação delas com a temática. Depois de contar minha história, fiz um pedido para que elas se apresentassem, dizendo o nome, idade, e o que elas diriam pra essa menina da história, que provavelmente ficou um pouco traumatizada com a menarca, pois apagou isto da memória.

Experimentamos um raro silêncio até que uma delas teve a iniciativa de se apresentar. O conselho mais dado era para que ela, a menina da história, ficasse tranquila, pois aquilo acontece com todas as mulheres, é natural, normal. Silêncio novamente, percebi certa dificuldade em acessar este estado de conselheira e então mudei a pergunta: O que elas gostariam que tivessem dito a elas? Isso facilitou muito o entendimento e aproximação das próprias histórias, aquilo que de longe se assumia na narrativa delas como “acontece com todas as mulheres, é natural, normal”, foi tomando caráter mais pessoal, e narrativas outras se revelaram.

Disse uma voz tímida: *“Eu gostaria que tivessem me falado que eu não estava doente”*. Este pedido encontrou ressonância em muitas delas.

“Eu sabia que iria acontecer, mas sabe, pensei que ia demorar muito mais, não acreditava que iria acontecer comigo...”

Aos poucos as apresentações foram atravessadas por narrativas das próprias histórias, e havia meninas compartilhando como foram suas menarcas. Aquele se transformou num potente momento de compartilhar o que muitas vezes nunca haviam narrado.

A dificuldade de compartilhar com outras pessoas se mostrou um fato mais marcante do que a própria menstruação. Apenas uma delas compartilhou que foi muito tranquilo, uma vez que ela e a mãe já dialogavam sobre o assunto. Assim, ao dar a notícia da menarca à mãe, ela lhe deu um absorvente. A curiosidade das estudantes sobre o assunto foi grande. Combinamos que no próximo encontro eu levaria um material sobre as fases do ciclo menstrual.

Neste primeiro dia conversamos bastante, estabelecemos uma relação de confiança, de escuta, de afeto.

A afetividade é uma manifestação corporal, uma expressão corporal fundamental para os encontros, contatos, para as expressões de desejos, pensamentos individuais e coletivos, de emoções as mais diversas, de sentimentos como amor, ódio, cuidado. Em síntese, a forma, a maneira como estou/sou no mundo afeta o mundo, as pessoas. (TRINDADE, 2006, p102)

A seguir, apresentarei alguns momentos dos nossos encontros e minhas percepções em relação a eles.

4.3 MOMENTOS E PERCEPÇÕES

Caminhada sensorial

Foi realizada uma caminhada em dupla, na qual uma estava vendada. Como o corpo vê e se relaciona com o mundo sem o referencial visual? Como ficam os outros sentidos? Além de explorar o ambiente onde estávamos, disponibilizei um cesto com diversos objetos sensoriais, em sua maioria orgânicos, como folhas, conchas, algodão, água aromatizada, etc, para que uma integrante da dupla os apresentasse à colega vendada.

A proposta da prática era de imersão, para que exercitassem a atenção no momento presente, porém a atenção logo se perdia, dando lugar a muitas gargalhadas, que me revelaram um grande estranhamento corporal durante a atividade. Muitas delas nunca tinham realizado atividades como essa.



Figura 6, autora, cesto com objetos sensoriais

Diálogos sobre a menarca e a menstruação

Ao longo dos encontros tivemos diversos diálogos sobre o ciclo menstrual e suas fases, sobre a influência em nossas emoções, bem como a anatomia da vulva, ervas que podem nos auxiliar e como usá-las (chás, banhos de assento, escalda pés, etc). Também fizemos algumas leituras sobre a relação que mulheres de outras culturas possuem ou possuíam sobre menstruação. Procurei propagar novas ideias sobre outros modos possíveis de relacionar-se com a menstruação, construindo uma visão que valoriza este momento. Tratamos ainda sobre alternativas ao absorvente de plástico, e muitas outras dúvidas que surgiam por parte delas.

Foram muitos recortes realizados dentro deste tema, e tendo nosso tempo dividido entre rodas de conversas e atividades de criação e percepção, acabaram por não se aprofundarem tanto. Ainda assim, creio que falar sobre o tema abertamente e trazer à superfície essas temáticas, vistas como tabu por muitas pessoas, pode ser transformador.

Desenhando as cinco peles

Uma das meninas se deitou sobre um grande papel craft estendido no chão, outra fez seu contorno. Foi com essa base que trabalhamos durante os encontros, as próximas camadas da pele se expandiam a partir desta primeira.

As peles foram preenchidas com palavras ou imagens (todas preferiram trabalhar com palavras) que remetiam à própria experiência delas, cada uma representou sua relação com os temas e proposições dadas.

Algumas questões surgiram no decorrer dos encontros, muitas vezes elas tiveram dificuldade em compreender temas mais subjetivos. As peles acabaram servindo como um facilitador para minha compreensão da apropriação que elas estavam tendo dos temas tratados.

A primeira camada (eu-corpo) foi bastante potente, com muitos depoimentos íntimos. As palavras escritas revelaram a dificuldade da grande parte delas em lidar com o próprio corpo, falando sobre autoestima baixa, vergonha, etc mas também vemos palavras positivas. Após a escrita lemos em voz alta as palavras que preencheram a pele, neste momento foi evidente que o mal estar em relação ao corpo não é somente individual, mas um sentimento coletivo.



Figura 8, autora, meninas preenchendo a primeira pele

Somando as vozes

Exercitar a escuta, exercitar a fala, soltar a voz. Durante quantos séculos as mulheres foram silenciadas? Se expressar publicamente, colocar a opinião e a voz no coletivo são ações que precisam ser praticadas. Fizemos exercícios inspirados na Música de Círculo⁸. Trabalhamos com voz e percussão corporal.

Ainda na intenção de investigar a manifestação da voz, fizemos algumas leituras de poemas da Conceição Evaristo, muitos deles com a temática da mulher.

Desenho em movimento

Este desenho foi realizado em grupos compostos por até quatro meninas. Cada uma delas segurou em uma ponta do papel cartão, tamanho A2. Uma tinta guache vermelha bastante diluída em água foi colocada no centro do papel, e elas direcionavam para onde a tinta escorria. Esta dinâmica além de criar uma estética muito interessante, é bastante potente na proposta do fazer coletivo. Elas gostaram de realizar esta atividade e do resultado, que como disse uma delas “parece uma obra de arte de verdade”.

Esta metodologia, juntamente com a tinta de cor vermelha, foi escolhida como uma representação do sangue escorrendo. Como achar beleza neste caminho? como buscar identificar-se neste sangue cíclico que nos escorre?

⁸ A Música do Círculo cria espaços de conexão, cooperação e convivência apoiadas em práticas de música corporal, comunicação não violenta, pedagogia da cooperação e metodologias colaborativas (<https://www.musicadocirculo.com/>)



Figura 9, autora, processo do desenho em movimento

Feitura de cadernos

No último encontro produzimos pequenos cadernos utilizando o desenho realizado em grupo como capa. A intenção é que este caderno sirva como um espaço de observatório e registro do corpo, investigando com são os ciclos, sejam eles corporais, no humor, etc. Durante os encontros algumas meninas relataram que passaram a perceber pela primeira vez a alteração do humor de acordo com as fases do ciclo que se encontravam. Levei, para inspirá-las, uma Mandala Lunar⁹, caderno feito especialmente para registro dos ciclos menstruais. Em outra

⁹ A Mandala Lunar é um diário, agenda e livro criado por e para mulheres, com o propósito de facilitar uma maior conexão com nosso corpo e também com a terra e os ciclos naturais, resgatando e unindo conhecimentos tradicionais e contemporâneos, arte e autoconhecimento em uma ferramenta curadora e transformadora para mulheres..Disponível em <https://www.mandalalunar.com.br/>

oportunidade gostaria de experimentar a realização dos cadernos nos primeiros encontros para que eles sirvam de diário de bordo.



Figura 10, autora, caderno prontos

Piquenique

Em meio a muitas propostas minhas, elas me trouxeram esta: que tal um piquenique no último encontro? Gostei muito da ideia! Pensando no alimento como algo que nos une, o ato de comermos juntas foi como uma celebração do caminho que percorremos. Dei um direcionamento para tentarmos levar alimentos mais naturais, sem tanto açúcar ou industrializados, já que estávamos falando de cuidado de si. No último dia todas estavam presentes e levaram suas contribuições. Apesar da recomendação por alimentos naturais, faziam-se presentes em sua maioria salgadinhos, pirulitos, balas, sucos em pó, etc. Eu levei as frutas e propus que fizéssemos juntas uma mandala. Este seria o encontro da composição da última pele: terra, nosso maior corpo. O picnic, proposto pelas meninas, congruiu com a temática da terra, promovendo um rico diálogo entre a temática da terra e os alimentos



Figura 11, autora, mandala de frutas feita coletivamente no último encontro

5 NOVAS ABERTURAS

Ao longo da elaboração deste trabalho, entre escrita e prática, as transformações nunca pararam de ocorrer. O que seria um trabalho sobre propostas de arte e educação acabou por se revelar também como um espaço fértil de expressão artística para mim, no qual me propus debruçar-me sobre minha história com uma profundidade ainda maior. Quando rasguei o verbo, quando deixei a poesia correr mais tranquilamente pelas linhas, chegou-me a vontade de poetizar com imagens também. Afinal, sempre acreditei na tríade artista-educadora-pesquisadora.

Realizei os encontros no decorrer da escrita, e não antes. Percebi que durante o processo educativo meu fazer artístico foi estimulado pelo diálogo com as atividades e percepções que ocorriam nos encontros.

Ao longo desses encontros minha vontade foi de abrir mão das “cinco peles” e trabalhar com outros materiais e conceitos; de alguma forma fiz isso, pois ficamos dois encontros sem escrever nas camadas (das cinco peles). Porém, como esta era parte da proposta inicial, preenchemos três delas no último encontro. Não achei que funcionou agir sem a profundidade desejada por mim apenas para cumprir o plano inicial. Penso que talvez seja um aprendizado realizar e, sobretudo acreditar, nos desvios que são propostos pelo próprio desenrolar dos encontros.

No último dia, ao conversamos sobre a travessia que tínhamos feito nestes cinco dias, a proximidade e amizade estabelecida entre elas foi mais citada do que o próprio (re)conhecimento do corpo, tema que abordei com frequência. O que a princípio não me pareceu tão bom, visto que eu tinha um objetivo, foi se revelando como algo muito positivo. Criar uma rede de apoio, confiar nas colegas, não se sentir só. Não seria tudo isso fundamental para novas partilhas, entre elas mesmas, sobre assuntos que ainda estarão por vir?

Percebi esta Zona Temporária de Aconchego como um elogio ao encontro, ao afeto, e isto se tornou um grande pilar para este trabalho. Propiciar um momento para falar de si no ambiente escolar, onde esta possibilidade é rara, aproximou as meninas. Mesmo tendo aula há anos na mesma sala, relataram que ali puderam se conhecer, se ouvir, compartilhar. Segundo bell hooks (2017,p58), ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala.

Este trajeto foi traçado com diferentes referenciais investigativos, tanto no campo das artes, dialogando com visualidades, movimento, som, literatura, arquitetura, como em outros campos, como biologia, história, sociologia, agroecologia, além de buscar valorizar as narrativas de si como um campo potente de conhecimento.

Assim, desejo que minhas últimas linhas aqui escritas ao longo desta caminhada sejam não um fim, mas um começo de novas aberturas. Caminhos cada vez mais abertos, com mais diálogos entre os mais distintos territórios, ultrapassando as fronteiras. Que eu possa levar todo o conhecimento gerado pelos erros e acertos desta viagem, dos acasos e das descobertas à novos territórios, pronta para recomeçar,

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia , **Da política às micropolíticas** , São Paulo, editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARNEIRO, B. **Relâmpagos com claror, Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte**, São Paulo: Imaginário/Fapesp, 2004.

ESTÉS, Clarissa Pinkola , **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem** -Rio de Janeiro:Editora Rocco, 1994

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Hooks, bell , **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade – 2ªed.** – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O eu é o corpo**. In: COCCHIARALE, Fernando & MATESCO, Viviane (curadoria). **Corpo**. São Paulo: Itaú Cultural, 2005.

KRENAK, Ailton, **Ideias para adiar o fim do mundo/ Ailton Krenak**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge , **Tremores : escritos sobre experiência – 1 ed ; 2. Reimp** – Belo Horizonte : autêntica Editora, 2016.

MARQUES, Isabel A., **Ensino de dança hoje : textos e contextos** / Isabel A. Marques – 6. Ed- São Paulo: Cortez, 2011.

MARTÍN, Pabla Péres San, **Manual de introdução à Ginecologia Natural**, Ginecosofia ediciones, 2015.

NAZARÉ, Maria Leonor Leal da **O esquecimento de si na arte contemporânea**. Coimbra [s.n.], 2017.

NUNES, Katia. **Hundertwasser: Arte e Ecologia**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura e Artes Plásticas da Universidade do Estado de Santa Catarina.

RAGO, Margareth, **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**, Campinas, editora Unicamp, 2013.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso, **Atos Autobiográficos e práticas decoloniais em artes visuais**, Revista Palíndromo , v.11, n.24, 2019.

TRINDADE, AZOILDA LORETTO DA, **A Cor da Cultura - Saberes e fazeres**, v.1 : modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006

TVARDOVSKAS, S Luana , **Fabulações de si na arte contemporânea: Ana Miguel, Rosana paulino e Cristina Salgado**, in RAGO, Margareth, Paisagem e tramas: o gênero entre a história e a arte./ Organização de Margareth Rago e Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel ,São Paulo: Intermeios, 2013.

VIEIRA, Adriana ,**O método de cadeias musculares e articulares de G.D.S.: uma abordagem somática**, Movimento, Revista de educação Física da UFRGS, ano IV, N°8, 1998/1.

Outras fontes:

SHIVA, Vandana, **As mulheres e a construção do novo mundo**, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>> acesso em 12/10/2019

Ocupaçãp Abdias Nascimento, itaú cultural , 2017, disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa> acesso em 02/10/2019

ANEXO 1

Práticas: Sobre si e sobre outras

Objetivo

Os encontros têm como objetivo desenvolver atividades artísticas com meninas, sensibilizando-as às questões corporais como a menarca e as transformações integrais que acontecem nas suas vidas a partir disto. Estruturado com rodas de conversas, práticas artísticas e de cuidado de si, visa incentivar a criação em conjunto com uma crescente percepção de si.

Justificativa

Tendo como principal pilar a experiência artística atrelada ao autocuidado e narrativas de si, abre espaço para olharmos sensivelmente à difícil transição para a adolescência. As oficinas pretendem dar visibilidade a este tema de forma sensível, percorre-lo através da expressão artística, espaço potente dentro das disciplinas escolares para desenvolver e dar voz a subjetividade de cada uma das alunas.

Metodologia

O projeto será realizado em cinco encontros, iniciando no mês de setembro, uma vez por semana, com duração de aproximadamente 1h40 cada um (duas aulas).

Os encontros serão estruturados com base na teoria das Cinco Peles, de Hundertwasser, na qual o artista propõe uma expansão da percepção de si no mundo através de cinco camadas - epiderme, vestimenta, casa, sociedade e natureza - que nos conduzem a perceber a nossa relação com estes temas.

Com base nestas camadas de Hundertwasser, surgem estas novas cinco peles, pensadas para os encontros: Eu-corpo; Nós-mulheres; Ancestralidade; Sociedade, grande corpo; Terra, nosso maior corpo.

Em cada um dos encontros as meninas serão sensibilizadas a estas questões através de propostas artísticas, relacionando as próprias histórias de vida aos temas.

Encontro1: Eu-corpo

- Levar ativadores sensoriais: chá, algo pra comer, aroma, música
- Realizar uma dinâmica de Apresentação, conto quem sou, por que estou realizando este projeto, e minha história com a menarca. As alunas se apresentam dialogando com minha história.
- Caminhada guiada com colega vendada: Como meu corpo vê e se relaciona com o mundo?
- Produzir a primeira camada: em um grande papel craft será desenhado o contorno de um corpo inteiro, o qual será preenchido com imagens, palavras, colagens, que dialoguem com o tema do encontro.

Encontro 2: Nós mulheres

- Prática corporal: alongamento com proposição de movimentos por todas.
- Dinâmica de música circular: explorar a voz através de vogais e percussão corporal.
- Jogo teatral: Caminhada no espaço, grupo tenta parar junto e seguir novamente junto (técnica view points). São espalhados poemas da Conceição Evaristo pelo chão, ler alto quando parar perto de um deles.
- Cadê as mulheres artistas? Referências de obras de mulheres artistas, como Rosana Paulino, Ana Mendieta, Violeta Parra, Frida Kahlo, Coletivo Guerrilla Girls etc.
- Cada menina escolherá uma obra, e compartilhará o porquê desta escolha.
- Será produzida a segunda camada das cinco peles (nós mulheres), e em seguida preenchida com imagens, palavras, colagens, que dialoguem com as questões levantadas no encontro.
- Para o próximo encontro, perguntar a mulheres próximas (mãe, vó, irmã, tia, etc.) como e quando foi a primeira menstruação delas; se compartilharam o ocorrido com alguém, como reagiram...

Encontro 3: Ancestralidade

- Prática de respiração advinda da yoga: Pranayama
- Compartilhar a pesquisa realizada com a mãe ou outras mulheres;
- Há uma linha que conecta a sua história pessoal, modos de agir e ser às suas ancestrais?
- Produzir a terceira camada das cinco peles (ancestralidade), que em seguida será preenchida com imagens, palavras, colagens, que dialoguem com os diálogos do encontro.

Encontro 4: sociedade, grande corpo

- Jogo Hipnotismo Colombiano: em duplas, uma menina é conduzida pelos movimentos da mão da outra, seguindo-os com o rosto/olhar.
- Em um pequeno papel escrever anonimamente, de um lado uma parte do próprio corpo que gosta, justificando, e do outro uma que não gosta, e o porquê. Colocar o papel numa urna, e depois de misturados cada uma das meninas pega um papel para ler.
- Leitura do conto Corpo Jubiloso, de Clarissa Pinkola Estés, do livro Mulheres que correm com os lobos.
- Reflexão sobre padrão dos corpos. Será que sempre foi assim? Levar diferentes obras e fotografias que revelam outros padrões.
- Produzir a quarta camada das cinco peles (sociedade), e em seguida preenche-la com imagens, palavras, colagens, que dialoguem com os exercícios do encontro.

Encontro 5: terra, nosso maior corpo

- Pergunta disparadora: Onde encontramos ciclos na natureza?
- Produzir tinta de pigmentos naturais para utiliza-las no preenchimento da quinta camada
- Produção de cadernos para registros das observações sobre o corpo e seus ciclos
- Produzir a quinta camada das cinco peles (terra), e em seguida preenche-la com imagens, palavras, colagens, que dialoguem com os exercícios do encontro.

